

MACHISMO ESTRUTURAL E FETICHIZAÇÃO DA IMAGEM DA MULHER ASIÁTICA AMARELA NO OCIDENTE

Nathália Saiury Souza Muta (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Crishna Mirella de Andrade
Correa (Orientador). E-mail: cmacorrea@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Direito Público, Maringá, PR.

**6.00.00.00-7 Ciências Sociais Aplicadas. 6.01.00.00-1 Direito. 6.01.04.00-7
Direitos Especiais**

Palavras-chave: orientalismo; fetichização; machismo estrutural.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo trazer uma discussão acerca de como as mulheres asiáticas amarelas são vistas e tratadas em nossa sociedade, analisando vários elementos, dentre eles, a influência da mídia. Além disso, busca-se também, analisar como a supremacia branca colaborou para o surgimento dos estereótipos raciais sobre pessoas asiáticas, usando como ponto de partida o Orientalismo e o mito da “Minoria modelo” como fundamento. É comum que mulheres sejam vistas como um objeto e de forma distorcida, dentro do contexto de satisfação dos desejos sexuais da supremacia masculina. Entretanto, alguns casos devem receber uma atenção especial, como, por exemplo, as mulheres comumente definidas como “exóticas”, o que acontece sobretudo após serem resumidas a partir de seus atributos físicos. O fetiche sexual geralmente está enraizado dentro de princípios racistas que devem ser combatidos. Assim, as conexões entre machismo, racialização e fetichização do corpo das mulheres são muito fortes.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve como objetivo trazer uma análise histórica e de mídias sobre como as mulheres asiáticas amarelas são lidas atualmente, buscando reunir os fatores que resultaram nesse fato. É importante salientar que as mulheres em nossa sociedade geralmente são tratadas como um objeto sexual, situação marcada pelo machismo estrutural que persiste nas estruturas políticas e sociais, dando um enfoque de que mulheres racializadas sofrem vulnerabilidades que potencializam e especificam esse machismo. Nesse debate, podemos perceber que a sexualização de mulheres racializadas está enraizada na nossa sociedade desde muito tempo. No caso das mulheres amarelas, além de sofrerem o Machismo Estrutural, elas carregam toda uma herança das práticas Colonialistas e Orientalistas, da ideia do Perigo Amarelo que difundiu no período da Segunda Guerra Mundial e do Mito da Minoria Modelo.

Para abrir mais portas para o entendimento e trazer mais ações e soluções para os problemas, é necessário a análise completa entre gênero e outras categorias sobre grupos oprimidos em nossa sociedade. Deve ser reconhecida a diversidade racial e de classe dentro do gênero feminino pelo Movimento Feminista, trazendo atenção ao fato de que as mulheres são pessoas individuais, sujeitos sociais e com realidades diferentes (Azeredo, 1994). Dessa forma, foi utilizada uma bibliografia para melhorar compreensão sobre o processo de racialização dos povos asiáticos no ocidente, em especial da raça amarela.

Precipuamente, deve ser ressaltado que durante o período de expansão europeia, marcado principalmente pelo colonialismo e pelas Grandes Navegações, a ideia da Europa era que os seus valores fossem vistos como “civilização” e os seus padrões se tornassem o padrão mundial, principalmente o padrão de outros países ocidentais. Eles tinham um plano hegemônico para o mundo inteiro, e seus valores tinham implicitamente a ideia de ser um exemplo a ser seguido pelo mundo. (Costa, 2004). Com o fim da escravidão e o início da república no Brasil, urgiu um grande desafio para os brasileiros na construção de uma nação com uma identidade própria, com a inclusão dos ex-escravizados, o que resultou em muitos debates raciais que trouxe um legado de muitas teorias racistas (Carvalho; Rodrigues, 2007). As teorias que envolvem os povos asiáticos partem do princípio do Orientalismo, que pode ser entendido como um discurso criado para lidar com um Oriente inventado, reforçando e validando certas visões, assim como estabelecendo uma relação de domínio do Ocidente sobre o Oriente. Nisso, eleva-se o status global do Ocidente e deprecia-se o Oriente, sendo que essa noção foi utilizada pelo Ocidente para justificar o seu imperialismo no Leste Asiático (Said, 2007).

Ademais, foi necessária uma análise em relação aos estereótipos atrelados aos asiáticos amarelos, focando principalmente em como a mulher amarela é lida em nossa sociedade. O Mito da Minoria modelo, difundido principalmente nos Estados Unidos, estigmatiza os asiáticos amarelos como trabalhadores centrados, antenados na tecnologia, deixando de lado suas vidas pessoais, sociais e familiares, e que esses grupos devem ser vistos como exemplos a serem seguidos por outras minorias étnicas ou raciais (Aoki, 2020). Essa ideia traz consequências negativas, já que coloca uma pressão adicional sobre esses grupos para manterem padrões altos de desempenho, ao mesmo tempo em que ignora desafios e dificuldades que eles também podem enfrentar, além de colocar outras minorias como inferiores.

No caso das mulheres, elas ainda precisam lidar com outra adversidade, que é a maneira que seus corpos são tratados socialmente, influenciada pelos fatores dos padrões de beleza e da indústria pornográfica que são reponsáveis por tornar exótica todas as mulheres não-brancas, sendo vistas com uma curiosidade, estimulando sua exploração e objetificação. Além disso, existe a influência dos impactos das guerras de colonização, que pode ser explicado pela desumanização durante esse período colonial, relacionado ao desejo imperialista branco da dominação, abrindo portas para a naturalização dessa violência (Ibid).

Para finalizar, foram relacionados todos esses fatores históricos com os dias atuais e como a mídia que colabora com essa fetichização e estereotipação, trazendo análise

principalmente de obras leste asiáticas que contribuem para a compreensão da cultura de submissão da mulher amarela.

MATERIAIS E MÉTODOS

Revisão de literatura; pesquisa bibliográfica; análise de mídia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do estudo realizado, é possível notar como o colonialismo está diretamente relacionado a esse problema, e como deixou marcas da dominação sob as mulheres não-brancas, não só dentro do Brasil como no mundo todo. A ideia do Orientalismo foi difundida justamente para justificar esse colonialismo em cima dos países ao Leste.

Ainda é notável que com a alta das imigrações chinesas e japonesas para o Brasil, essa ideia da dominação se difundiu dentro do país, atingindo até os descendentes amarelos atualmente. Além disso, a sexualização das mulheres aconteceu nesse período em meio a um debate sobre a miscigenação e o embranquecimento da população, sendo impossível tratar sobre o assunto raça e gênero sem entrar no tópico da sexualidade, o que inspirou a objetificação e diversas interpretações a respeito da sensualidade das mulheres não brancas, colocando-as como ilegítimas e submissas até os dias atuais.

Ademais, contextualizando o processo de racialização do povo amarelo no Ocidente e relacionando com as mídias e sua influência, foi concluído que a cultura de massas não deve ser ignorada na hora de se debater sobre raça e gênero. A forma como a mulher amarela é representada na mídia, tanto do Leste quanto do Oeste, inclusive reforçado dentro da pornografia, como mulheres inocentes, submissas e infantilizadas, surge dentro desse contexto histórico e tem grande influência na visão acerca desse grupo e suas consequências.

CONCLUSÕES

Dentro desse contexto, podemos notar como recai sobre as mulheres asiáticas, um fetiche, desdobramento da história de utilização do corpo dessas mulheres para satisfação masculina, dentro de contextos de guerra ou de ideias de submissão específicas da história e colonização orientais. Tendo em vista que essas mulheres compõem parte significativa do contingente de mulheres que moram no Brasil, essa pesquisa se mostrou importante pela necessidade de compreender mais essa faceta do machismo estrutural que circula em nossa sociedade, sempre na esperança de, ao compreender nossas estruturas, sermos capazes de propor soluções para a redução das desigualdades e das violências contra as mulheres.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha Orientadora Prof. Crishna Mirella de Andrade Correa, que aceitou trazer esse debate tão importante e pouco discutido para a Pesquisa Científica dentro da nossa Universidade, à UEM que me concebeu a bolsa e tornou possível minha dedicação a esse projeto. Aos meus amigos e familiares, em especial as meninas do Coletivo Asiático Suely Yumiko Kanayama, que está surgindo, por terem gostado da ideia e aceitado ajudar na criação do coletivo para que possamos trazer muitos debates acerca do tema.

REFERÊNCIAS

AOKI, A. T. **Asiáticas amarelas para além da minoria modelo: representatividade em narrativas contraestereotípicas**. 2020. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

AZERÊDO, S. Teorizando sobre gênero e relações raciais. **Estudos Feministas**, Florianópolis, nº especial, out. 1994, pp. 203-16. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/24327171>. Acesso em 20 ago. 2022.

CARVALHO, S. A. R.; RODRIGUES, T. C. Raça e gênero na formação da nação brasileira. Em: **Anais do 16º Congresso de Leitura do Brasil**, Campinas: Faculdade de Educação/Unicamp, 2007.

COSTA, R. G.. Mestiçagem, Racialização e Gênero. **Sociologias**, Porto Alegre, Ano 11, nº 21, Jan/Jun. p. 94-120.

SAID, E. W. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Bolso, 2007.